



# OFICINAS E ADOLESCENTES EM USO E ABUSO DE DROGAS: O QUE SE TRATA AQUI?

Adriana Condessa Torres<sup>24</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe discutir condições mínimas a serem consideradas para que o uso das atividades nas intituladas *oficinas ou programas socioeducativos* seja tomado enquanto espaço de produção subjetiva e de exercício da cidadania, quando utilizadas como estratégia de abordagem para adolescentes em uso abusivo de drogas. Valendo-nos de alguns conceitos psicanalíticos sobre o funcionamento psíquico iremos caracterizar o fenômeno da adolescência, abordar as condições subjetivas e socioculturais envolvidas no encontro de adolescentes com as drogas e, finalmente, fazer uma análise do uso das diversas atividades artísticas, socioculturais e esportivas, de modo a identificar a construção de ações que potencializem o maior número possível de saídas individuais e singulares.

**Palavras-chaves:** Adolescentes, uso de drogas, trabalho terapêutico.

<sup>24</sup> Terapeuta ocupacional. Especialista em Psicanálise Aplicada à Saúde Mental (UNILESTE-MG). Coordenadora do CAPS II de Coronel Fabriciano - MG. E-mail: [adrianacondessa@gmail.com](mailto:adrianacondessa@gmail.com).



## Introdução

Utilizar substâncias como álcool e drogas para alterar o psiquismo se constitui numa realidade histórica e cultural, que se manifesta de diferentes formas, sempre de acordo com o *status* ocupado por estas e a função de seu uso em cada sociedade e período histórico. Já em 1930, no texto intitulado *O Mal-Estar na Civilização*, Freud escreve que:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações' é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Freud, [1930] 1976, p. 97).

No mundo ocidental atual, onde a droga também entra como um objeto de consumo, esta situação tem se tornado uma questão que demanda ações intersetoriais, face à complexidade dos problemas advindos do uso abusivo destas substâncias. Tais problemas relacionam-se tanto com questões sociais e econômicas, como também com as formas de reações e saídas de cada sujeito frente ao uso abusivo de drogas.

Esta realidade tem provocado várias reflexões em diferentes setores sociais como Justiça, saúde, assistência social, educação e outros. Frente a esta conjuntura atual percebe-se o surgimento de um discurso - altamente disseminado entre os atores de políticas públicas e privadas, que investem na lógica dos programas sociais -, que utiliza atividades de arte, cultura, esporte e outros, como instrumentos de educação, prevenção e tratamento dos problemas advindos do uso abusivo de drogas.

Sabemos que é inegável a contribuição psicossocial destas atividades no sentido de viabilizar espaços de expressão criativa, de reflexão da realidade, da criação de laços sociais, de produções socialmente valorizadas e até mesmo de certos efeitos subjetivos. Entretanto, não podemos deixar de refletir sobre as modalidades de tratamento propostas frente a um problema tão complexo e sobre os limites de práticas que se pautam apenas na reprodução de uma ordem social, voltadas somente para a *ocupação* e a *capacitação*, sem contextualizar a droga como um dos objetos de consumo da modernidade e o adolescente como um ser

de desejo e também um sujeito, como um consumidor que não está excluído do circuito mercadológico atual.

Este artigo propõe discutir condições que precisam ser minimamente consideradas para que as atividades nas intituladas oficinas ou programas socioeducativos sejam tomados enquanto espaço de produção subjetiva e de exercício da cidadania. O enfoque etário será dado para o uso e abuso destas substâncias no período da adolescência, pois a aproximação precoce do adolescente com a droga pode acarretar efeitos drásticos que afetam a sociedade e a família destes indivíduos.

É preciso, então, questionar quais instrumentos teóricos e práticos podem se aliar para que efeitos singulares façam parte destes programas de atenção ao adolescente em uso prejudicial ou abusivo de drogas, apostando mais na ética das diferenças que em proposições fixas e universais.

Valendo-nos de alguns conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento psíquico, iremos caracterizar sumariamente o fenômeno da adolescência, abordar as condições subjetivas e socioculturais envolvidas no encontro de adolescentes com as drogas e, finalmente, fazer uma análise reflexiva sobre o uso das diversas atividades artísticas, socioculturais e esportivas, de modo a identificar a construção de ações que potencializem o maior número possível de saídas individuais.

### **A adolescência, o adolescente e o encontro com a droga**

A psicanálise nos ensina que todo ser humano se constitui a partir do discurso do outro, ou seja, desde antes do nascimento é iniciado um processo de constituição subjetiva a partir das marcas que a demanda do outro inscreve no corpo real. No texto *Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud discorre sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil. Sua tese é a de que a primeira infância é determinante para a orientação da libido e que a puberdade se apresenta como o momento em que se dará o verdadeiro encontro com o objeto sexual propriamente dito. Afirma que sempre haverá repercussões da escolha objetal infantil nessa fase, pois

a afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não os únicos, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto (Freud, 1905, p. 215).

Baseado nisso se afirma que a adolescência é o momento de “reavivar” o Édipo, ou seja, de trazer à tona uma fase pré-histórica de conflitos recalcados, de uma remota infância.



Tem-se assim na adolescência, um tempo de reencontro com a sexualidade infantil, onde tanto o corpo como a relação com os pais passa por profundas transformações, que são por sua vez necessárias a todo o desenvolvimento posterior da vida adulta.

As vivências de separação dos pais são então experimentadas de formas variadas nesta fase e não necessariamente se configuram como sinônimo de rebeldia ou conflitos mais graves. Fazer parte de um novo grupo, de um novo jeito de se vestir e de falar, experimentar novas situações e vivências se apresenta enquanto condição de desenvolvimento psíquico, de separação simbólica, e trazem consigo angústias que exigirão sempre algum trabalho psíquico, maior para uns, menor para outros.

Partindo-se destas considerações iniciais, indagamos se a adolescência pode ser considerada como um tempo de maior vulnerabilidade não só para o encontro com a droga, como também para o início de um uso mais abusivo para alguns, pois o adolescente, imerso em situações de angústia, responderá a este momento de acordo com os recursos psíquicos que possui. Entre experimentar a droga e escolher utilizá-la de forma mais sistematizada tem-se um tempo de acomodação, onde o peso da estrutura psíquica do sujeito entra em questão, ou seja, se neurótico ou psicótico, determinará diferentes recursos para lidar com a questão. Assim sendo, o efeito da droga em um adolescente neurótico se diferenciará do efeito da mesma para um psicótico, mesmo sabendo que *“desde sempre, em todos os lugares, as drogas, sejam elas lícitas ou proibidas, terão por função tratar a dor de existir”* (CLASTRES, 2000, p.107).

Para os psicóticos a droga poderá estar funcionando como objeto de estabilização ou de desencadeamento, servindo “tanto para regular um excesso que invade a estrutura psicótica, quanto para reafirmar o papel, já estabelecido, de empuxo a uma desagregação da subjetividade” (GROSSI, 2000, p. 21).

Para os neuróticos há que ser considerada toda uma gama de oportunidades e projetos que o adolescente conseguiu construir em sua vida até o momento, além do seu contexto sociofamiliar. Todos estes fatores precisam de especial



atenção, de modo a se verificar *caso a caso*, qual função tem o objeto droga, pois muitas vezes,

o ato toxicomaniaco serve como anteparo para amortecer este choque produzido pelo encontro do sujeito com o real, na insuficiência do aparelho psíquico traduzir simbolicamente as figuras do intolerável que se apresentam a ele (Bittencourt, 1997, p. 111).

Por fim, podemos verificar que o encontro com o objeto droga na adolescência é muito frequente, pois sendo a droga um dos objetos de consumo da contemporaneidade, estará lá a todo o momento sendo ofertado. Já o adolescente, que por sua vez se esforça na operação de separação (ou não) dos pais, lançará mão de variados recursos para afrouxar ou estreitá-los.

Após considerar sumariamente como se dá o encontro com o objeto droga na adolescência, podemos nos perguntar sobre este encontro em diferentes espaços sociais.

Sabemos que o uso de drogas ocorre em todas as classes sociais, mas, no que diz respeito aos fatores socioculturais da aproximação adolescência/droga, podemos nos perguntar em que medida a convivência em comunidades próximas ao tráfico (onde encontraremos pessoas em situação de maior vulnerabilidade social) se apresenta enquanto oportunidade de geração de renda e de identificação a meninos e meninas que possuem vidas marcadas por intensa privação financeira e fragilidade de definição de papéis e funções familiares. Há também que se considerar situações nas quais o uso de drogas é funcional à vida nas ruas, onde manter-se atento é quase condição para manter-se vivo.

Portanto, se juntarmos a vulnerabilidade psíquica própria do sujeito na adolescência com a vulnerabilidade familiar e social característica de cada um, podemos entender que esta somatória de fatores aumenta o risco de uso abusivo de drogas, iniciada em fase precoce da vida, com maior poder de desenvolvimento de dependência.



## As oficinas como recurso de tratamento

Este encontro precoce e, por vezes, altamente comprometedor do desenvolvimento psíquico e social dos adolescentes tem levado serviços governamentais e não governamentais de variadas instâncias a tomarem esta parcela populacional como fonte de intervenções, com o intuito do afastamento da droga e até mesmo com vistas a um poder de prevenção a estas.

Para tanto, muitos serviços oferecidos lançam mão de estratégias e instrumentos que utilizam atividades variadas, com a intenção de oferecer *um fazer que agrupe* os adolescentes em torno de um ritual menos nefasto para suas vidas. Na maioria das vezes, estas atividades possuem cunho meramente ocupacional, através de projetos sem capacidade real de sustentabilidade, desenvolvidos dentro da lógica de que o adolescente tem pouco a fazer e por isto usa drogas. Pressupõe-se então, que ao ocupar o seu tempo, esta lógica se dissolveria.

Atualmente, alguns programas sociais intitulam de *oficinas* a oferta de atividades artesanais, de expressão artística, esportivas e culturais, sem avaliação prévia da importância de tal prática para a vida real dos adolescentes, seus interesses, habilidades, seu entorno cultural e possibilidades de sustentabilidade dos projetos. Há uma aposta, ingênua, de que estas práticas, por si só, possuem potencial de resposta aos problemas sociais e subjetivos que derivam do uso abusivo de drogas na adolescência. Assim, como parte da lógica que compreende o uso e abuso de drogas entre adolescentes como decorrente de sua “desocupação”, estas atividades são apresentadas como *saídas* para esta problemática complexa, desconsiderando muitos fatores em jogo e, mais especialmente, desconsiderando o uso de drogas como uma resposta sintomática do sujeito, segundo sua estrutura psíquica, que exige tratamento e variadas ações conjuntas, articuladas intersetorialmente.

Guerra (2004) descreve o espaço das oficinas e as define enquanto um local que busca “entrelaçar a subjetividade com a cidadania, ou seja, entrelaçar o sujeito em suas dimensões psíquicas com o sujeito em suas dimensões políticas”. Poderíamos pensar, então, que os espaços criados para abordar adolescentes em uso abusivo de drogas deveriam estar minimamente pautados nessa lógica, de uma ligação entre a subjetividade (visto que as soluções nunca tendem a ser universais) e o exercício de cidadania. Não há, portanto, como desconsiderar a história pessoal, o contexto familiar e social em que vive o adolescente, segundo sua estrutura psíquica, a lógica do consumo reinante em nossa sociedade contemporânea e a tendência em tratar a questão do abuso de drogas por um viés moral ou patológico, pois tudo isto é o que dá complexidade à questão.

## Considerações finais

No que diz respeito ao encontro do adolescente com o objeto droga podemos então entender que simplesmente considerar o adolescente em uso de droga como um dependente é precipitar a leitura dos fatos, pois há vários fatores subjetivos e socioeconômicos que irão ajudar a determinar a questão da dependência. Ao tentar institucionalizar a questão através de programas e estratégias de reclusão destes adolescentes com sua segregação em grupos para tratamento e outros, se tende também a cair em erros históricos de nosso passado recente. Portanto, os espaços que se propõem a abordar esta problemática necessitam estar pautados em preceitos éticos e clínicos, por estratégias que façam parte do contexto dos adolescentes, onde o significativo droga deixe de circular o máximo possível, além de minimamente situados sobre o momento histórico e cultural em relação ao uso de drogas em que vivemos.

Assim sendo, os projetos desenvolvidos para adolescentes em uso abusivo de drogas se beneficiarão quando as ações engajadas culturalmente forem mais sólidas e quando os coordenadores forem previamente capacitados para realizar uma escuta mais particularizada dos casos ali em questão, com a finalidade última de perceber, no *um a um*, o que “faz pega”, o que pode estar apontando para uma saída e para a eleição de um novo destino. Há que se considerar que não se trata de *ocupar o tempo* para que a droga *não ocupe a cabeça* do adolescente, mas de levá-lo a se questionar sobre outros caminhos que possam auxiliá-lo na busca de projetos em que pelo menos um rastro de seu desejo possa ser identificado. Enfim, oferecer-lhe a palavra e a escuta.

Talvez não se trate tanto de questionar o que se tem feito nestes espaços, mas de questionar como estas práticas têm se efetivado. Sabe-se que a arte, o esporte, a cultura e variadas atividades são de fundamental importância para somarem-se a outras muitas ações e tratamentos que respondam à questão do adolescente e o uso abusivo de drogas. O que estas atividades não podem, em absoluto, é tomar o lugar central numa problemática tão extensa e sabidamente multifatorial, que vai exigir, por sua vez, a somatória de esforços clínicos, culturais e sociais, através de práticas intersetoriais, que ainda se encontram em construção na história da saúde mental em nosso País.

O espaço das oficinas para o adolescente em uso abusivo de drogas servirá então como um recurso terapêutico, que entrará como uma estratégia de tratamento ou abordagem em um intrincado problema. Faz-se necessário, portanto, que as ações de vários setores governamentais e não governamentais (ONGs), até agora dispersas, busquem a construção de uma *rede de cuidados*, a partir da intersectorialidade e da interdisciplinaridade. As atividades artísticas



e culturais podem e devem ser utilizadas como recursos de tratamento - suas contribuições são inegáveis - mas não podem ser tomadas de forma desavisada. As oficinas são espaços de criação de saídas subjetivas, que neste caso, podem acolher o sujeito adolescente que busca ressignificar suas vidas; a eles devem ser oferecidos, portanto, novos caminhos, outras opções, novos destinos.

Em suma, qualquer prática que se pautar em um legado ético não pode prescindir da informação histórica, técnica e subjetiva em questão, nem desconsiderar a capacidade de criação de saídas de cada sujeito ali presente. É como nos sinaliza Guimarães Rosa a respeito da condição inacabada do ser humano quando escreve: “O senhor... Mire, veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.”



### Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Lígia. *Algumas notas sobre adolescência e toxicomania*. In: INEM, C.L; BAPTISTA, M. (Orgs). *Toxicomanias: abordagem clínica*. Rio de Janeiro: NEPAD/ UERJ: Sete Letras, 1997.

CLASTRES, Guy. *A Propósito da Toxicomania*. In: GROSSI, Fernando T., BAHIA, Idálio V., CIRINO, Oscar. (Org.) *Psicóticos e Adolescentes: por que se drogam tanto?*, Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania, 2000. p.106-108.

FREUD, Sigmund. *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p.118-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer (1920). Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p.13-88. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GROSSI, Fernando T. *Intervenção*. In: GROSSI, Fernando T., BAHIA, Idálio V., CIRINO, Oscar. (Org.) *Psicóticos e Adolescentes: por que se drogam tanto?* Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania, 2000. p.13-42.

GUERRA, Andréa Máris Campos. *Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática*. In: COSTA, Clarice Moura; FIGUEIREDO, Ana Cristina. (Org.) *Oficinas terapêuticas em saúde mental*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. P.23-58.

